**Proposta de uma leitura intersemiótica do espaço em O *Castelo Animado* (1986) de Diana Wynne Jones e sua interface com a produção fílmica homônima de animação (2004) de Hayao Miyazaki**

Mariana Elisa da Silva Terra[[1]](#footnote-1)

Juan Demétrio Souto Prado[[2]](#footnote-2)

Gabriel David Barcelos[[3]](#footnote-3)

[Ítalo Oscar Riccardi León](mailto:italo.leon@unifal-mg.edu.br)4

**RESUMO**

A noção da presença de um castelo relacionado a um espaço mágico na literatura, talvez, não seja uma ideia tão recente. Imaginariamente, tal construção nos remete aos contos de fadas, tais como, por exemplo, *A* *Bela Adormecida* dos irmãos Grimm, *A Bela e a Fera* de Madame de Villeneuve, e muitos outros que também se poderiam inserir, incluindo as aventuras dos cavaleiros medievais dos contos do lendário Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda. Segundo Coelho (2010, p.30), durante os séculos medievais, prolifera uma copiosa literatura narrativa em terras do Ocidente europeu que evidencia um idealismo extremo e um mundo de magia e de maravilhas completamente estranhas à vida real e concreta do cotidiano. Foi neste contexto que, visando um foco de abordagem de caráter alegórico, surgiu o interesse por estudar, analisar e levantar algumas relações comparativas intersemióticas entre O *Castelo Animado* (*Howl's Moving Castle*), de autoria da escritora inglesa Diana Wynne Jones, lançado em 1986, com sua interface a partir da produção fílmica homônima de animação (2004), de Hayao Miyazaki, cineasta japonês, cofundador do prestigiado *Studio Ghibli*. A pesar de se tratarem de produções narrativas ou de linguagens distintas, o enredo conta a história de Sophie Hatter, a mais velha de três irmãs que, sendo ela a mais velha da família, tudo indica que o seu destino será o fracasso. Após a morte do pai, Sophie não se incomoda quando fica como aprendiz na chapelaria da família, enquanto as duas irmãs vão para lugares diferentes. Depois de atrair a atenção da Bruxa das Terras Desoladas, Sophie se torna uma mulher de 90 anos devido a um feitiço que não poderá contar a ninguém. Assim, toda determinada, ela pega seus pertences e segue seu próprio caminho em busca de uma nova vida, se deparando com o castelo em movimento do perigoso mago Howl. Deste modo, tendo como referencial o sentido do castelo, símbolo que para Chevalier e Gheerbrant (2001, p.199) representa transcendência espiritual e o peso de uma força sagrada, considerando que os castelos surgem nas florestas e nas montanhas mágicas, o presente trabalho objetiva promover uma leitura de análise comparativa intersemiótica com base nas características espaciais que surgem ao interior do castelo e se encontra presente em ambas as obras, observando as possíveis conexões e fatores simbólicos que serão estudados no decorrer da proposta, cuja metodologia está embasada tomando como referência a pesquisa bibliográfica exploratória, fundamentada na perspectiva dos estudos intersemióticos de Clüver (2007), Plaza (2010), Santaella, (2018), juntamente com outros autores, além dos já citados no resumo.

**Palavras chave:** Espaço. Castelo. Análise Intersemiótica. Literatura Comparada e Outras Artes.

1. Graduanda do quinto período do curso de Bacharelado em Letras Línguas Estrangeiras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduando do quinto período do curso de Bacharelado em Letras Línguas Estrangeiras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). [↑](#footnote-ref-2)
3. Graduando do quinto período do curso de Bacharelado em Letras Línguas Estrangeiras na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

   4 Orientador do trabalho. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), docente do Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL, Departamento de Letras, da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). ORCID: **<**<https://orcid.org/0000-0001-9759-6928>>. [↑](#footnote-ref-3)